



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**PARA QUE SERVE A HISTÓRIA?: PERCEPÇÕES DE ALUNOS DA REDE  
PÚBLICA DE ENSINO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CONTEÚDO HISTÓRICO**

Lucas Alves da Silva <sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é analisar as percepções de alunos do ensino básico sobre a importância do estudo de alguns conteúdos históricos específicos trabalhados em sala de aula. Sabemos que nos últimos anos a disciplina de história, bem como a área das ciências humanas de modo geral, tem enfrentado diversos desafios, como o descrédito que temos sofrido se confrontado com as ciências exatas, por exemplo, que teriam supostamente uma aplicação prática maior. Diante de tais dilemas, busco refletir sobre a forma com que alunos percebem o conteúdo histórico em relação a sua aplicação e com base em suas experiências. Para tanto, coletei respostas de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II e do 2º ano do Ensino Médio a respeito da importância dos conteúdos históricos trabalhados em sala durante minhas aulas de estágio, inerentes minha formação como licenciado em história. O modo com que os alunos entendem a importância do conteúdo interfere também na tomada de consciência histórica dos mesmos e da sociedade, e está conectada à aplicação prática deste saber na vida das pessoas. As respostas mais articuladas em relação a importância dos conteúdos foram aquelas que aproximaram os temas em questão com a sociedade na qual os alunos estão inseridos ou observam tais questões próximas a eles.

**Palavras-chave:** consciência histórica, ensino de história, utilidade da história, experiências.

## INTRODUÇÃO

Na tentativa de compreender o que entendem os estudantes a respeito do ensino de história, objetivo com o presente trabalho analisar e refletir a respeito das percepções de alunos do ensino básico sobre a importância de alguns conteúdos específicos trabalhados durante as aulas de estágio – parte da formação docente da graduação em História. Os conteúdos em questão referem-se ao continente africano no século XIX, abordado com o 8º ano do Ensino Fundamental II, e a Revolução Industrial do século XVIII, tratado junto ao 2º ano do Ensino Médio. Como uma problemática que tem perpassado a ciência histórica há anos, a intenção é refletir sobre como alguns conteúdos da disciplina de história são

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UDESC, lucas.as137@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021** PRESENTE  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



percebidos por parte dos alunos e, deste modo, pensar também na sociedade, em razão de que as ciências sociais e humanas, de modo geral, têm sido duramente questionadas nos últimos anos quanto à sua aplicação e sua função, especialmente no Brasil.

Sabemos que os objetivos da história se modificam para atender aos propósitos estabelecidos e os objetivos dos grupos que se encontram no poder (CERRI, 1999). Um exemplo disso, segundo Rodrigo Turim (2018, p. 187), são os atuais projetos que buscam a “[...] remodelação do sistema de ensino, que visam à diminuição da carga horária das humanidades, ou mesmo sua extinção, em nome de uma pedagogia voltada às habilidades exigidas por um mercado em acelerada transformação”. Neste sentido, temos visto propostas que implicam na implantação de um ensino que visa gerar mais “resultados” práticos e rápidos, o que resulta em menos reflexões e análises críticas.

Além de pensar sobre este cenário de instabilidades, buscarei também refletir, tomando por base as discussões de Rüsen (2001), sobre o processo de tomada de consciência histórica e sua aplicação na vida prática. Para o referido autor “a consciência histórica é o trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções de agir conformes com a experiência do tempo” (RÜSEN, 2001, p. 59). Ressalto que não pretendo, contudo, afirmar que há tomada de consciência por parte dos alunos ou não, visto que esta é uma tarefa um tanto difícil e laboriosa – se é que é possível de fazê-la, e dispomos apenas de curtas respostas como material empírico. Tampouco buscarei generalizar as respostas como se as mesmas representassem o pensamento da sociedade de modo geral, visto que o contexto no qual os estudantes se encontravam no momento da elaboração das respostas – seu histórico de vida, suas condições socioeconômicas, entre outros fatores –, bem como o conteúdo que trabalhei com as turmas, apresentam particularidades que devem ser levadas em conta.

A questão da importância da história para a vida prática e consequente tomada de consciência histórica é um ponto que vem há tempos sendo debatida e não se restringe aos estudantes. Cabe destacar ainda que “a história tem papel central na concepção de mundo, na racionalidade histórica na qual os sujeitos estabelecem suas relações sociais” (SILVA, 2014, p. 146). Acenando nesta direção, Klaus Bergmann (1989, p. 37) afirma que “o ensino de História produz e transmite, finalmente, orientações e atitudes pelas quais um pensamento histórico racionalmente elaborado de acordo com a auto-identidade, cria condições reais para a práxis individual e social”. Por meio da história podemos refletir sobre a possibilidade de



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



atualizar e ressignificar determinadas experiências no tempo. Ao pensar nos processos que envolvem o estudo do conteúdo histórico, vale ressaltar que uma das dificuldades da disciplina de história parece ser a ausência de conexões do conteúdo com a realidade na qual os estudantes estão inseridos (CERRI, 1999).

Michel de Certeau (2003) nos alerta sobre a história que está sendo produzida e levada para a sociedade, em especial para a grande maioria das classes populares. O que se coloca nestas discussões é se o conteúdo que chega até os estudantes abarca a pluralidade cultural e social da qual os mesmos fazem parte ou se este conhecimento é direcionado a um grupo erudito privilegiado, excluindo então parcela da população. O interesse ou não pelo conteúdo histórico pode estar relacionado, entre outros fatores, tanto pela escolha do conteúdo presente nos currículos quanto pelas formas com que as narrativas foram elaboradas.

Para refletir sobre as questões apontadas, o material aqui abordado foi coletado no período de realização do meu Estágio Supervisionado II, no curso de licenciatura em História, da Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão, entre maio e junho de 2019. Conforme exigências estabelecidas, ministrei um total de dez aulas, sendo cinco delas no 8º ano do Ensino Fundamental II e cinco no 2º ano do Ensino Médio. Para tanto, apliquei aos alunos destas turmas, ao final das minhas aulas, uma pergunta relacionada à importância de cada conteúdo trabalhado. A pergunta aplicada foi elaborada de forma curta e direta, e ao solicitar a resposta dos alunos busquei deixar claro que gostaria da sinceridade dos mesmos, e que não se tratava de uma atividade avaliativa, sendo que a professora da disciplina não utilizou das respostas para compor as notas. As perguntas foram entregues na última aula que ministrei em cada turma, após ter finalizado os conteúdos propostos no estágio.

Para a turma do Ensino Fundamental, a pergunta foi a seguinte: Para você, qual a importância de se estudar a história do continente africano?. Já para o Ensino Médio a questão foi: Para você, qual a importância de se estudar a Revolução Industrial do século XVIII?. Ao todo, 41 alunos responderam às questões aplicadas, sendo 19 do 8º e 22 alunos do 2º. A faixa etária dos respondentes da turma do fundamental foi entre 13 e 15 anos, já do Ensino Médio foi de 15 a 18 anos. As idades apontam para a presença de alunos repetentes nas duas turmas.

De posse das respostas dos alunos, buscamos analisar os pontos que se destacaram em relação ao papel do conteúdo histórico estudado, bem como suas possíveis relações com questões inerentes à vida dos alunos. Para compreender melhor tais questões apresentamos de



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



forma breve uma caracterização do colégio e tentamos traçar o perfil dos alunos. Na sequência, analisamos as respostas dadas pelos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, e então nos voltamos para as respostas elaboradas pelo 2º ano do Ensino Médio.

### **BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E PERFIL DOS ALUNOS**

O Colégio Estadual Prefeito Antônio Teodoro de Oliveira - Ensino Fundamental e Médio – situa-se em bairro periférico da cidade de Campo Mourão-Paraná, no Jardim Paulino. O colégio foi criado e autorizado a funcionar no início do ano de 1983, e sua finalidade é atender educandos tanto do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. No ano de 2017, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) apresentado pelas turmas dos anos finais do Ensino Fundamental II no colégio foi de 5,2%, acima da meta estipulada, que foi de 4,5%, e acima também das médias gerais estadual e nacional, que foram, respectivamente, 4,6% e 4,7%<sup>2</sup>. Verificamos um aumento no índice, visto que em 2013 a média havia sido de 3,6% e em 2015 de 4,0%.

A respeito do perfil dos respondentes, conforme informações disponibilizadas no site do colégio, resultado das respostas de um questionário aplicado aos alunos do colégio Prefeito Antônio Teodoro de Oliveira no ano de 2017<sup>3</sup>, é possível traçar um perfil social, econômico e étnico-cultural dos alunos. Nota-se que a grande maioria dos alunos residem na zona urbana (91%), sendo que boa parte mora com seus pais (80%). 77% dos que responderam o questionário apenas estuda, 13% estuda e trabalha e 10% não informaram. Quanto a renda familiar, 21% declarou que a família recebe até R\$1.760,00, 19% afirmou que a família sobrevive com até R\$880,00, 18% disse que a renda está acima de R\$2.640,00, enquanto 17% possui renda de até R\$2.640,00, 25% não souberam informar. Quanto à habitação dos alunos, 83% residem em casa própria, 10% em imóvel alugado e 7% em residências cedidas por amigos ou parentes. A grande maioria dos estudantes se dirigem até o colégio caminhando, visto que residem em bairros próximos.

Em relação a questão étnica, 54% se declara parda, 32% branca, 6% preta, 4% indígena e 4% amarela. Quando perguntados se identificam algum preconceito étnico no

---

<sup>2</sup> Informações disponíveis no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Disponível em: <<https://cutt.ly/mfaFArI>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

<sup>3</sup> Questionário Social, Econômico e Étnico-Cultural aplicado a 526 alunos do colégio. Disponível em: <<https://cutt.ly/xfafDjb>>. Acesso em: 24 ago. 2020.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



ambiente escolar, 56% disseram que não, 24% responderam que sim, contra negros, 8% que sim, contra afrodescendentes, 5% que sim, contra brancos e 3% que sim, contra indígenas. Em outra questão, em que os alunos são questionados sobre o preconceito étnico na comunidade escolar, 36% respondeu ter diminuído consideravelmente, 21% diz que são muito fortes, mas estão diminuindo, enquanto 16% afirma que não há preconceito, 15% diz que ainda vai demorar muito para reduzir, e 12% afirma que ainda são muito fortes.

Segundo informações do Projeto Político Pedagógico (PPP) do colégio, cerca de 75% dos alunos pertencem à religião católica, sendo os demais pertencentes a denominações evangélicas. Em relação ao serviço de assistência à saúde utilizado pelos alunos e seus familiares, 90% utilizam o SUS, 8% possuem plano de saúde particular e 2% utilizam o SAS. Cerca de 30% das famílias dos alunos recebem ajuda do programa Bolsa Família, do Governo Federal. O próprio PPP do colégio indica algumas dificuldades para o bom desenvolvimento das práticas educacionais e da qualidade da educação, como escassez de recursos didáticos, falta de espaços físicos adequados, e aponta a falta de dedicação e compromisso por parte dos alunos, além do não- acompanhamento por parte de algumas famílias, do número excessivo de alunos por sala, excessiva burocracia, problemas de saúde do professor e dos funcionários.

Em conversa com as professoras e por meio do contato com alguns alunos do colégio, é perceptível que as condições de vida dos alunos fora do ambiente escolar influenciam muito seu interesse e rendimento dentro da escola. Há no colégio vários casos de alunos que não apresentam estrutura familiar saudável, ou mesmo não recebem incentivo de seus próximos para se dedicar aos estudos. Sabe-se também que muitos alunos sofrem com a ausência de alimentação adequada e de uma residência em boas condições de habitação, bem como a necessidade de se preocuparem mais em conseguir uma renda financeira para contribuir no pagamento das contas domésticas do que com os estudos, que deveria ser seu principal foco.

## **COMPREENSÕES DO 8º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL II**

No período de estágio, após observações de várias aulas de história em diferentes turmas do colégio Antônio Teodoro de Oliveira, as primeiras aulas que ministrei foram direcionadas para o 8º ano, no período da tarde. Para o Ensino Fundamental as turmas contam





**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



com 3 aulas semanais, enquanto no Ensino Médio são apenas 2, com duração de 50 minutos. A turma do 8º ano contava com cerca de 25 alunos, com idades entre 13 e 15 anos.

Para a turma do 8º ano, o conteúdo ministrado tratou do continente africano no século XIX, discussão que estava presente no livro didático apenas no último capítulo, mas que, por sugestão da professora da disciplina de história, apliquei no mês de junho, no decorrer do segundo trimestre escolar. Segundo a professora, a exposição de tal matéria não afetaria os demais conteúdos a serem trabalhados, ou seja, poderia ser trabalhado em qualquer momento do ano, contudo, de um total de doze, estava localizado no último capítulo do livro<sup>4</sup>.

As discussões propostas no livro didático, em um primeiro momento, estão colocadas de forma a levar os alunos a conhecer a organização social, política e cultural de alguns grupos étnicos do continente africano, como, por exemplo, o grupo Zulu, existente até os dias atuais em parte da África do Sul, assim como os processos de resistência de grupos africanos. O livro destaca também os principais impérios africanos e sua localização geográfica no continente antes das divisões estabelecidas pelos europeus, divisões estas que ocorreram de forma arbitrária, e desconsideraram a questão da vinculação étnica dos povos que habitavam aquelas regiões. Em outro momento o livro discute a ocupação e exploração do continente pelos europeus, com destaque para o Imperialismo europeu e para a Conferência de Berlim de 1884/1885, que repartiu o território africano entre alguns países da Europa e impulsionou a colonização e transformações em vários aspectos. Cabe lembrar que desde 2003, com aprovação da lei 10.639/2003, tornou-se obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica brasileira (BRASIL, 2003). Atualmente, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as habilidades a serem desenvolvidas por meio deste conteúdo são as seguintes: “identificar e contextualizar o protagonismo das populações locais na resistência ao imperialismo na África e Ásia” (BRASIL, 2017, p. 427).

O conteúdo ministrado foi elaborado tendo como base as discussões do capítulo em questão, que tinha como título “A África no século XIX”. Por meio das aulas, busquei trabalhar com os alunos a questão da diversidade étnica existente na África e das influências do homem branco europeu na constituição dos atuais estados nacionais que integram o

---

<sup>4</sup> O livro utilizado no colégio na disciplina de História para o Ensino Fundamental II é de autoria de Marco Pellegrini, Adriana Dias e Keila Grinberg, da coleção Vontade de Saber, da editora FTD, de 2015. Já para o Ensino Médio, o livro utilizado é de Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos, da editora Saraiva, de 2016.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



continente. Os objetivos das aulas foram os seguintes: 1 - perceber que, no século XIX, o continente africano apresentava uma grande diversidade de grupos étnicos e de organizações políticas e sociais; 2 - entender a organização de um grupo nativo africano; 3 - analisar os principais motivos e características da expansão do Imperialismo europeu no século XIX; 4 - entender como se deu a ocupação europeia na África durante o século XIX; 5 - Conhecer processos de resistência dos africanos à dominação europeia; 6 - gerar reflexões que instiguem o respeito a culturas diferentes e entendimento sobre as diferentes formas de escravidão que existiram no continente africano.

Para finalizar as atividades sobre o conteúdo, entreguei a cada aluno um texto cujo o título era: “O resgate do papel da mulher nas sociedades africanas”, que falava tanto sobre a importância da mulher africana como da importância do uso do passado para garantir que ela saia da posição de subalternidade – uso da história como exemplo para o futuro. Ao final do texto, constavam duas questões, que foram respondidas por cada aluno de forma individual em seus respectivos cadernos, as quais eram: a) de acordo com Filipe Vidal, o que deve ser feito para que ocorra uma verdadeira emancipação feminina?; b) é importante que as mulheres brasileiras reconheçam a história das mulheres africanas? Justifique sua resposta. A atividade foi sugerida pela professora da disciplina, que retirou o texto do livro de história da turma do nono ano. Após o fim desta atividade, apliquei então a questão relativa à importância, para cada um deles, de se estudar aquele conteúdo.

Iniciando a análise das respostas elaboradas pelos alunos sobre a importância do conteúdo, notamos que parte deles, aparentemente, apenas reproduziu um discurso que afirma que o conhecimento é importante, mas sem apontar os motivos que os levam a pensar assim e muito menos da relevância específica de se estudar o continente africano. Tivemos outros que consideraram o tema interessante por conta das diferentes culturas, costumes e tradições que puderam conhecer, elemento que perpassou boa parte das respostas, evidenciando que o reconhecimento da existência das diferenças é algo já assimilado pelos alunos. Vale ressaltar que as motivações para escrever as respostas interferem diretamente no conteúdo das mesmas, podendo elas não refletir diretamente o que pensavam os alunos.

Tivemos respostas curtas que diziam, por exemplo: “a importância de estudar a história do continente africano é que nós aprendemos coisas novas e mais outras coisas”



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



(João, 14 anos)<sup>5</sup>; “um pouco interessante porque fala bastante coisas sobre o continente africano que eu nem sabia” (Gabriel, 14 anos); “é importante que aprende coisas novas” (Lucas, 14 anos); “é importante para conhecer e aprender suas culturas, vestes e seus hábitos” (Eliana, 15 anos). Nestes casos apresentados notamos que a questão da novidade está implícita nas percepções dos alunos, o “conhecer algo novo” parece ser o motivo principal que torna este tema relevante. Por mais que digam que o assunto é importante, os alunos não apontam uma possível imbricação de suas vidas com o tema apresentado.

Diferentes destas primeiras respostas expostas, tivemos também aquelas que buscaram ressaltar o quão difícil foi a trajetória dos povos africanos, que em partes sofreram com a escravidão e com a exploração impostas pelo homem branco. A respeito destas questões, este conteúdo está presente também em outros momentos na grade curricular, como por exemplo ao tratar da história do Brasil e do imperialismo europeu, já sendo minimamente conhecida pelos alunos. Dentre as respostas que elencaram estas situações tivemos as seguintes: “para mim é importante estudar a história do continente africano porque eu conheço uma diversidade de culturas diferentes e seus costumes e vejo como é diferente de minhas crenças e costumes e também valorizar a vida, porque eles sofreram muito no passado” (Poliana, 13 anos); “é importante para saber sobre a cultura africana, como suas religiões, culturas, seus trabalhos e também para ver como eles sofreram no passado com a escravidão” (Marcos, 15 anos). “Para mim a importância de estudar a história do continente africano é de saber o quanto eles sofreram, de saber um pouco sobre a cultura a religião deles o estilo de vida, o estilo como eles se vestem, o hábito e muitas outras coisas” (Brenda, 14 anos).

Por meio das respostas acima podemos perceber que o sofrimento se mostra como uma característica que torna a história destes grupos importantes, como se lembrando tal situação a vida passasse a ser valorizada. Nas colocações apresentadas a dor aparece como elemento que pode ser entendido como a ponte que une passado e presente, um tema sensível que toca os alunos, e pode contribuir para a valorização da diferença, ponto que também aparece nas respostas. Conforme aponta Rüsen (2001), são ocasiões da vida prática, como as experiências cotidianas do ser humano, que vão dar forma ao que conhecemos como consciência histórica. Assim, podemos inferir que há um movimento que torna presente o

---

<sup>5</sup> Para preservar a identidade dos alunos, os nomes utilizados são todos fictícios.





IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



passado, ou seja, a consciência histórica que surge para interpretar as experiências do presente por meio da mobilização de lembranças que são organizadas em forma de narrativas (RÜSEN, 2001).

Seguindo outra forma de interpretar o conteúdo trabalhado no 8º ano, alguns alunos destacaram a importância de se respeitar o diferente e reconhecer a diversidade como algo normal, e não como inferior ou menos qualificado que a cultura na qual estão inseridos. Neste sentido, as respostas se apresentaram da seguinte forma: “saber diferenciar diversas culturas, entender que o que pode ser ‘estranho’ para nós, é estranho/diferente para eles também” (Larissa, 13 anos); “[...] acho que um dia o continente africano vai ter o respeito que tanto merece” (Bruno, 14 anos);

acho que estudando o continente africano nós aprendemos que cada povo tem sua cultura e suas crenças, dessa maneira percebemos o quanto nosso mundo é diversificado e que nenhum ser humano é inferior a nós. O mínimo que devemos fazer é respeitar independente de cor, cultura e religião (Luciana, 14 anos).

Em comum nas respostas temos um clamor à tolerância e respeito à diversidade, assim como reconhecimento de que o diferente para nós é normal em outro contexto, e não deve ser entendido com espanto e muito menos ter como resposta a violência, seja ela de qualquer modo. A valorização de uma cultura plural se mostrou inerente às respostas, e a esperança em reconhecimento da importância e do valor destas diferentes culturas se mostrou também recorrente. Neste sentido, ao pensar na capacidade da história atuar sobre a orientação da ação humana, temos a narrativa histórica como essencial na tomada de consciência, a qual ocorre por meio da rememoração do passado. As respostas apontadas aqui demonstram que tais conteúdos podem ter despertado posições de respeito e reconhecimento dos seres humanos enquanto sujeitos culturais e históricos, independente da diversidade em que se apresentem.

## **COMPREENSÕES DO 2º ANO – ENSINO MÉDIO**

Para o 2º ano do Ensino Médio, o conteúdo aplicado foi sobre a Revolução industrial ocorrida a partir do século XVIII, onde busquei dar um foco maior para as principais transformações sociais e econômicas ocorridas a partir de então, bem como suas consequências e novas relações de trabalho que surgiram neste período. No trabalho com a



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



turma, utilizei do livro didático, especialmente seu capítulo 6, que tem como título “O capitalismo industrial”. A turma já estava trabalhando anteriormente sobre mercantilismo e os momentos que precederam a Revolução Industrial. A turma do 2º ano apresentou uma média de 28 alunos, com idades entre 15 e 18 anos.

Para desenvolver o tema em sala, os objetivos específicos que guiaram a elaboração das minhas aulas foram os seguintes: 1 - conhecer os elementos que contribuíram para as origens do capitalismo; 2 - entender as principais transformações ocorridas no modelo de trabalho do período medieval para o período industrial, em especial as relações entre funcionários e patrões; 3 - conhecer as tecnologias e técnicas de produção industrial e cultivo da terra que proporcionaram as mudanças ocorridas a partir do século XVIII; 4 - analisar os impactos do crescimento urbano e populacional no período; 5 - refletir sobre os efeitos da expansão comercial e exploração de novos territórios para busca de matérias primas e de novos mercados consumidores dos produtos manufaturados; 6 - refletir sobre as consequências da Revolução Industrial do século XVIII e seus desdobramentos até os dias atuais; 7 - entender o conceito de Liberalismo econômico de Adam Smith e a influência que exerceu e exerce na política e economia mundial.

Ao tratar das respostas do 2º ano sobre a Revolução Industrial do século XVIII, como já era de se esperar em razão dos anos a mais de idade e de estudos dos alunos em relação ao 8º ano, temos respostas um pouco mais elaboradas em nível de complexidade sobre o entendimento da função do conhecimento histórico, se compararmos com a turma do Ensino Fundamental. Um outro fator de impacto nas respostas que também precisamos considerar é a presença de elementos originários da Revolução Industrial na sociedade nos dias atuais, assim como a proximidade dos alunos com os exemplos apresentados em sala. Deste modo, várias das respostas foram no sentido de pensar nas continuidades e discontinuidades, e, principalmente, em como as mudanças tecnológicas impactaram a vida das pessoas e exercem influência sobre a nossa sociedade atualmente.

Destaco alguns exemplos de respostas que citaram a questão das mudanças nas máquinas e demais tecnologias, assim como a criação das leis e garantia de direitos trabalhistas: “a importância de estudar a Revolução Industrial é para ver e entender o tanto que já evoluiu as máquinas e as leis trabalhistas” (Pedro, 18 anos); “é importante para podermos entender como as máquinas funcionavam e como evoluíram para como é hoje”



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



(Vitória, 17 anos); “para sabermos como as máquinas chegaram na sociedade e quais foram suas consequências e quais são os resultados para os dias de hoje” (Patrícia, 17 anos); “para mim a importância de estudar a Revolução Industrial foi entender o que acontecia naquele século e como era as máquinas e com o tempo muitas coisas mudaram com a tecnologia avançada” (Alessandra, 17 anos); “foi importante para o desenvolvimento de leis trabalhistas, de reformas nas indústrias, direitos para os trabalhadores” (Gustavo, 16 anos); “é importante pois é história, é uma história que mudou tudo que conhecemos hoje, foi uma época de reformas em todo o mundo. Foi um período importantíssimo pela introdução de novas tecnologias e organizações no trabalho” (Everton, 15 anos).

Os relatos acima destacam as mudanças que ocorreram durante a Revolução Industrial, principalmente com as máquinas industriais, como um fator importante na história. O fato destas mudanças terem desencadeado uma série de outras que alcançam nossos dias acaba por funcionar como um fio condutor que aproxima o passado da realidade dos alunos. O que temos então, por meio do trabalho histórico, conforme aponta Cerri (1999), é um processo de formação de consciência, em que a prática em história pode ser definida como o trabalho de traduzi-la, de conduzir a mesma do círculo restrito de um grupo de especialistas até o grande público. Ou seja, a narrativa torna-se parte da consciência histórica no momento em que passa a representar as mudanças temporais do passado no presente e pode integrar uma interpretação e perspectiva de futuro (RÜSEN, 2001).

Ao olhar para o passado e perceber que houve mudanças e entender como elas ocorreram, como no caso dos direitos trabalhistas adquiridos por meio de movimentos sociais, é possível pensar também em rupturas no presente e novas perspectivas para o futuro, o que Koselleck (2006) traduz como espaço de experiência e horizonte de expectativa. Ou seja, a expectativa de futuro se vincula à experiência do passado, respeitando a experiência do presente, formando uma narrativa que constitui a consciência histórica, mediada por uma representação de continuidade ou ruptura.

Como possível exemplo desta forma de entender o passado e de uso do mesmo, na resposta de Alisson, temos uma posição mais radical que nas demais, um olhar para o passado carregado de consciência a respeito de uma situação de exploração e desigualdade:



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A revolução industrial vem como meio de debate, pois partindo dela podemos questionar e formular um pensamento crítico sobre a realidade que vivemos. Que devemos desmascarar as falcatruas e atrocidades cometidas contra a classe trabalhadora e lutar por uma realidade melhor. Tudo por meio da união e buscar inovação sempre, pois partindo dela pode ser criado uma realidade melhor (Alisson, 17 anos).

O excerto acima pode ser entendido, sob o olhar de Rüsen (2001), com uma leitura que destaca do passado o que é considerado história conforme sua utilidade, ou não, para que o leque de orientação temporal seja expandido na vida prática. Em suma, a consciência histórica se caracteriza pelo jogo de lembranças e esquecimentos, com a finalidade de produzir representações de continuidade e constituir identidades. A resposta de Alisson coloca a história como inspiração para ações no futuro, ela é apresentada como instrumento e fonte para possível transformação e união da sociedade. Já a aluna Ana Paula e o aluno Renan, tratam de questões que buscam conectar a Revolução Industrial do século XVIII com o momento atual, trazendo a questão da continuidade no tempo e da persistência de sistemas políticos e econômicos, como podemos observar:

Eu considero importante esse estudo porque a Revolução Industrial transformou o mundo econômico e vemos os efeitos desse processo até os dias atuais. A introdução do capitalismo criou hoje as maiores potências mundiais que comandam o ramo econômico e também os territórios ao redor do mundo (Ana Paula, 16 anos).

Para mim é importante estudar isso para entender como chegamos onde estamos na questão industrial e tecnológica, além disso muito do que era discutido naquela época reflete na política de hoje, então para discutir política quanto para entendê-la é preciso saber o que rolou na Revolução Industrial do século XVIII (Renan, 18 anos).

Os pontos destacados pelos alunos nas respostas acima demonstram como os estudantes consideram importante conhecer o passado para compreender o caminho que nos trouxe até onde estamos, eles apontam para elementos do presente como a base que os impulsiona a buscar respostas em tempos remotos. Sobre a utilização da história para interpretação de determinados contextos sociais, Klaus Bergmann (1989, p. 36) afirma que “a Ciência História dispõe de e transmite um instrumental metodológico e teórico que permite uma compreensão racional da realidade”. Contudo, é preciso refletir como e quando este arsenal é acionado pelos estudantes e a sociedade. Neste sentido, ao refletir sobre as formas



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



com que a consciência histórica visita o passado, Rüsen (2001) ressalta que este retorno é impulsionado pelas experiências no presente, visto que o passado só é levado a falar quando questionado, e estas perguntas são elaboradas a partir de carências de orientação na vida prática atual. Em relação à continuidade presente nas falas em destaque, ela é um elemento necessário para que se constitua a consciência histórica, assim como o sentido de identidade com a questão abordada. Os temas da economia e da política, em especial nos últimos anos, tem levado milhares de pessoas a revisitarem a história para se posicionar com argumentos mais sólidos e que deem credibilidade a suas ideias ou do grupo no qual estão inseridas.

Por fim, destaco um entendimento já clássico sobre a função da história, que surgiu na reposta do aluno Miguel (16 anos): “porque é estudando o passado que a gente entende o presente”. A história, do ponto de vista apresentado, pode ser entendida como uma luz que ilumina o presente, que é capaz de revelar o que está oculto, o extraordinário por trás da normalidade. Contudo, sabemos que a depender dos usos que se faz do passado, o retorno pode não ser voltado para valores que busquem o bem comum, mas sim como instrumento de garantia e manutenção do poder, afinal, como destaca Orwell (2005), “quem domina o passado domina o futuro, quem domina o presente domina o passado”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No Brasil, são inúmeras as dificuldades encontradas pelo sistema de ensino público, além da precariedade de muitas instituições, onde seus profissionais se desdobram para conseguir oferecer uma educação de qualidade para seus alunos, tirando inclusive recursos do próprio bolso para executar certas atividades. Inserido neste meio, o ensino de história encontra dificuldades para conseguir se fazer atraente aos alunos e para mostrar sua importância. Conseguir o que o sistema educacional exige é uma missão um tanto desafiadora, levar alunos que apresentam condições psicológicas, sociais, culturais e financeiras totalmente diferentes a um mesmo nível de conhecimento. Em muitos casos, as habilidades dos alunos são sufocadas por uma grade curricular que elege determinados conteúdos como importantes e deixa outros de lado, de modo que o conteúdo da disciplina de história, em muitos casos, sofrem da carência de sentido para a vida de parte dos estudantes.





IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021** PRESENTE  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Outro grande desafio encontrado na sala de aula é o de tornar o ensino de história mais atraente, de forma que desperte o interesse nos alunos e na comunidade de forma geral. Em tempos de ameaça conservadora e fundamentalista, onde muito se discute sobre a função da história e de outras disciplinas das humanidades, é importante ter muito bem estruturado os objetivos e funções do curso de história. Programas como o “Escola Sem Partido”, colocam em risco a capacidade de reflexão que a história pode criar nos alunos, além de, em alguns casos, criminalizar a docência e cercear o trabalho dos professores.

Em tempos de fácil acesso às informações por meio da internet, muitas ideias se formam com base, por exemplo, em postagens vistas no *Facebook*, as quais são assimiladas como verdades – entre elas as *Fake News* –, e são trazidas pelos estudantes para a sala de aula, gerando diversos questionamentos aos professores. Desta forma, a internet deve ser analisada com maior atenção, pois é lá que os alunos buscam informações e repassam para seus colegas, tornando-se os ambientes *online* espaços que atuam também sobre a formação da consciência histórica dos alunos.

As respostas dos alunos sobre a importância do conteúdo histórico nos dão uma noção de como atuar para instigar o interesse dos alunos nas aulas, bem como da importância de conseguir conectar os conteúdos com a vida prática de cada um. Ao conseguir trazer o estudo sobre o passado para o presente, o estudo da disciplina de história deixa de ser uma obrigação curricular para os estudantes, e passa a ser um instrumento ativo na vida de cada um. As respostas mais articuladas em relação a importância dos conteúdos foram aquelas que aproximaram os temas em questão com as experiências dos alunos, ou então a sociedade da qual eles enxergam que fazem parte.

Para conseguir manter o interesse vivo dos alunos, é preciso se reinventar e se atualizar constantemente, tanto em relação aos conteúdos, como em relação ao que está em alta entre os estudantes, o que estão discutindo nas redes sociais, o que é notícia. É óbvio que não é tarefa fácil, e não se pode tentar participar deste novo mundo, que se reconfigura e se renova a cada dia, de uma hora para outra, ainda mais diante do desmonte que o sistema educacional vem passando nos últimos anos. Mas vejo como tarefa do professor buscar a aproximação com a realidade dos alunos, e entender como ela pode afetar o desempenho e interesse dos mesmos em sala.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021** PRESENTE  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



## REFERÊNCIAS

BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 29-42, 1989.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 31 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003.

CERRI, Luis Fernando. Os objetivos do ensino de História. **Hist. Ensino**, Londrina, v. 5, p. 137-146, out. 1999.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB**. Disponível em: <<https://cutt.ly/1faFJpH>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Vilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC Rio, 2006.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

PELLEGRINI, Marcos César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. **Vontade de saber História** – 8º ano. 3 ed. São Paulo: FTD, 2015.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP). **Colégio Estadual Prefeito Antônio Teodoro de Oliveira**: ensino fundamental e médio. 2013. Disponível em: <<https://cutt.ly/0faFLZI>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

RÜSEN, Jörn. Pragmática – a constituição do pensamento histórico na vida prática. In: RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UNB, 2001, p. 53-84.

SILVA, Carla Luciana Souza da. História e memória da repressão nos anos 1970 e 2014. **Projeto História**, São Paulo, n. 50, p. 138-170, ago. 2014.

TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e o passado prático. **Tempo**, Niterói, v. 24, n. 2, p. 186-205, maio/ago. 2018.

VAINFAS, Ronaldo. FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina dos. **História 2**: Ensino Médio. São Paulo: Saraiva, 2016.